

DA PESQUISA

Uma academia toda nossa

An arts academy all ours

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra

Atriz, performer, encenadora, diretora, dramaturga e escritora. Docente efetiva do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular e da Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é docente colaboradora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo PPGARC da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Também é docente colaboradora do PPGT da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pós-doutora em Antropologia, pela FFLCH/USP, doutora e mestre em Artes Cênicas pelo IA/UNICAMP, coordena seu estúdio de investigação, UNALUNA – PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE. Sites: www.unaluna.art.br e www.lucianalyra.com.br
lucianalyra@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-5440-5482>

Resumo

Urdido em linhas epistolares, este texto instaura uma reflexão sobre a escrita acadêmica numa perspectiva performática, desvelando a experiência como principal dínamo de textos germinados nas investigações nas artes da cena no Brasil. Do atrito corpo/escritura são engendrados poderosos momentos, alçando as camadas performáticas deste ato *f(r)iccional*, eminentemente liminar. Utilizando como metáfora uma carta endereçada à escritora feminista Virgínia Woolf e numa pretensão de tomar seu ensaio *Um teto todo seu* ([1929] 2014) enquanto lúdica inspiração, cogita-se uma academia em artes mergulhada na performance e na poesia.

Palavras-chave: Woolf, Virginia, 1882-1941. Escrita e arte. Artes cênicas. Performance (Arte).

Abstract

Woven into epistolary lines, this text establishes a reflection on academic writing in a performative perspective, revealing the experience as the main dynamo of texts germinated in investigations in the performing arts in Brazil. From the friction between body and writing, powerful moments are generated, raising the performance layers of this preliminary, *f(r)iccional* act. Using as a metaphor a letter addressed to the feminist writer Virgínia Woolf and in a pretension to take her essay *A room of one's own* ([1929] 2014), as a playful inspiration, we are considering an arts academy steeped in performance and poetry.

Keywords: Woolf, Virginia, 1882-1941. Writing and art. Artes cênicas. Performance art.

Querida Virgínia,

Você não me conhece, mesmo assim me atrevo a não te chamar *senhora*, como chamaria minha avó, se ainda estivesse viva como há dias atrás. Você e ela habitaram um tempo mesmo, o mesmo mundo por alguns anos. Quero dizer que resolvi te escrever há pouco e agradeço desde já que possa confiar no que sinceramente coloco em palavras. Na realidade desejo te contar uma breve estória que talvez nos aproxime, mesmo sabendo que hoje você vive em outras possíveis dimensões.

Bem, há quatro meses, antes de se plantar no mundo um estado pandêmico, fui convidada por mulheres pesquisadoras em artes da cena da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) para escrever um artigo sobre um certo tipo de escrita que começou a ser experimentada nos últimos anos na seara da academia em artes brasileira, uma escrita destituída de moldes pré-concebidos, mas afeita à arbitrariedade, ao risco de transformar textos acadêmicos em *collages* de impressões, reflexões e vivências calcadas em processos criativos e na vida viva, fissurando formalismos acadêmicos comuns em nossas universidades.

Preciso lhe confessar que fiquei ao mesmo tempo instigada a aceitar o convite e meditativa sobre como tomar parte de um *dossiê* organizado por mulheres estudantes de pós-graduação, sendo eu uma professora com espaços bibliográficos já arduamente conquistados. O fato é que o mergulho nesses pensamentos *hamletianos* em *participar ou não participar*, foi fugaz, pois logo empunhei a *pena* a escrever um texto para o compêndio reunido pelas alunas, pronto em uma semana. Senti que com o artigo poderia amotinar-me com aquelas jovens pesquisadoras, construindo um *topos* contínuo e, indubitavelmente amoroso, entre ensino e aprendizagem, azeitando as relações mestra-aprendizes com vistas a um só horizonte, a uma mesma luta.

O texto que escrevi na ocasião, de título *Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo*, acabou não fazendo parte da coletânea, mas desdobrou-se no prelo da *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas* (2020), debatendo o modo como transformamos a experiência artística em escrita e destacando o aspecto liminar deste movimento (TURNER apud DAWSEY, 2005). A saber, o artigo, em vias de publicação, tomou como base pesquisas minhas no Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra/2005-2013); nas experiências com a disciplina por mim ministrada nos programas de pós-graduação em artes da UERJ,

UDESC e UFRN (2017-2019); e na produção de artigos, dissertações e teses elaboradas com meu grupo de pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (CNPq).

Percebi que apesar de fiar exemplos da experiência em escrita performática nas universidades a que estou vinculada e onde instaurei experiências nesse campo da escritura em anos de pesquisa; e a despeito de apontar novos desenhos metodológicos, abordando temáticas interditas e epistemologias marginais, o artigo, agora aprovado na *Revista Urdimento*, não exercitava, ele mesmo, o caráter performático que defendia, era mais um artigo SOBRE a experiência da escrita, do que ele próprio uma EXPERIÊNCIA DE ESCRITURA sob o signo da performance, que em si tem vocação íntima com o que nos acomete.

A aprovação da coletânea nomeada pelas jovens pesquisadoras como *Do tema aos modos, reflexões e invenções: pesquisa em artes e as escritas da pesquisa* publicada aqui na *Revista Da Pesquisa da UDESC*, desafiou-me a escrever um novo artigo, que diferente e não melhor ou pior do que o anterior, deveria estar mais conectado com as forças motrizes da vida, aquelas que contaminam o pensamento e que contagiam o exercício de liberdade, um texto comprometido com o exercício existencial, muitas vezes descolado do modelo profissional do pensamento, que trafega na academia tradicional, que transita pelos nossos códigos enquanto professores e estudantes nas universidades de artes no Brasil.

Mas, como imaginamos sempre, escrever não é simples. Especialmente quando buscamos escrituras que nos emancipem, que prezem por nossa autonomia. Por isso busquei, como muitas vezes, na literatura e na dramaturgia, inspiração. *Sentei-me às margens de um rio e ponderei*¹ sobre os caminhos e as palavras que deveria tecer. Importante lembrar que, curiosamente, na mesma semana em que a coletânea foi aprovada e resolvi me arvorar em renovado artigo, recebi um presente de minha companheira, um livro-ensaio baseado em dois artigos lidos para a Arts Society, do Newnham College, e para a ODTAA, do Girton College, em outubro de 1928. O livro-ensaio era seu, Virgínia.

Acredito que, mesmo me considerando feminista há muitos anos e articulando pesquisas sobre feminismos nas artes da cena no contexto brasileiro, não é vergonhoso dizer que não te conhecia a fundo. Talvez travar um diálogo com você de tempos e

¹ Em alusão à imagem expressa na abertura do livro *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf (2014).

espaços aqui neste pequeno artigo possa redimir, em parte, esse deslize, que acredito não ser somente meu. Toda vez que descobro uma mulher e seus feitos no mundo, suas biografias, lembro da historiadora francesa Michele Perrot (2007) e seu assombro de perceber uma história "sem as mulheres". Creio que esse espanto de não saber de tantas é comum a muitas de nós, mas o importante é que esse susto se desdobre em peleja por visibilização, pelo exercício da passagem do silêncio à palavra e da mudança de um olhar que, justamente, faz a história na relação incessantemente renovada entre o passado e o presente.

Naturalmente, preciso lhe dizer que eu sabia de sua vida entre os anos de 1882 e 1941, em contexto britânico, também sabia, pelo senso comum, que você teve importante papel não apenas para a literatura, mas também para o Movimento Feminista, em especial na sua *primeira onda*². Recentemente, em banca de mestrado que pude participar, também soube de sua contribuição para o teatro, ao desenvolver uma obra dramática³, embora sem intenção de publicá-la. Então eu sabia que tínhamos estreitas afinidades: a literatura, a dramaturgia, o desejo de novos caminhos de urdidura do mundo. No entanto, com a leitura de seu livro-ensaio e com a ousadia de te ter como inspiração para um artigo, inauguro nossa telúrica e irreversível amizade.

Entendo que tenha uma natureza introvertida, como também eu tinha muito antes do teatro, sei também de sua fragilidade física e emocional, de sua condição social muito privilegiada que poderiam nos afastar, mas sua habilidade com as palavras e desejo de escrever me arrebatam sobremaneira, em especial quando destina às pautas feministas em suas obras. Neste seu livro-ensaio que, confesso, ainda estou na travessia da leitura, você é explícita em sua defesa ao feminismo e numa escrita comprometida com as mulheres escritoras, da qual muitos paralelos podem ser traçados em relação às mulheres pesquisadoras nas artes da cena e como são tecidos seus transbordamentos em monografias, dissertações, teses, ensaios, artigos.

Traduzido no Brasil como *Um teto todo seu*, de 1929, o primeiro texto seu que tenho o prazer de conhecer, Virgínia, é uma contribuição na escrita de não-ficção, na defesa da emancipação das mulheres. Lendo o livro percebi que como eu, também você foi convidada a realizar um feito. Enquanto eu, era escrever um artigo para um dossiê,

² Em linhas gerais, convencionou-se como *Primeira Onda* a organização social e política das mulheres em fins do século XIX e início do século XX, principalmente em torno da reivindicação pelo o direito ao voto. Tal demanda é chamada sufrágio, e suas representantes, sufragistas; é nesse contexto que viveu a escritora britânica.

³ Com referência ao texto dramático *Freshwater: A Comedy*, de Virgínia Woolf.

you were to give a lecture on the topic *As mulheres e a ficção*, at the University of Cambridge, in 1928. Born you in times avó for me, your deed has merit infinitely greater than mine, and, evidently, is also a great precursor for many of us. In *Um teto todo seu*, you ask certain questions, even though you were not the first woman to question the treatment offered to your gender in society, as you yourself remember that Aphra Behn (WOOLF, 2014, p. 96).

Right at the beginning of your work I am enchanted by your capacity to perceive and legitimize your doubt about the topic of your lecture *As mulheres e a ficção*. More important still is, after circumscribing the topic, you find questions absolutely coadunated to be reflected by the theme, whatever they are: *a vida das mulheres*, in itself; *a ficção que as mulheres escrevem*; or *a ficção que é escrita sobre elas*, in this case, by male authors.

Also you continue to instigate me to perceive by going to the library at the University of Oxbridge, in the sense of making a more detailed investigation for your lecture, since so many cases of discrimination are told to you only on that journey to the library, even though only a woman could accompany you (WOOLF, 2014, p. 15-17). Following you I reflect on the relationship of women with poverty, you observe that "[...] não se pode pensar direito, amar direito, dormir direito, quando não se jantou direito" (WOOLF, 2014, p. 32). And you question "What effect does poverty have on fiction? What are the necessary conditions for the creation of works of art?" (WOOLF, 2014, p. 41). And, paraphrasing you, I ask you, what are the necessary conditions to create and transcribe works of art in a field of reflection? What are the universities and research programs that absorb and mirror our real experiences?

You make me think a lot, Virginia, think that as in England in the twenties, of the XX century, still there are interdicts and invisibilities. We count on a large contingent of women in research in arts in Brazil, in search of stamping their experiences in the scene and in reflection on the scene, politicizing the spaces of a theory of personality that nothing more is than microcosms in action without fear in the world that they inhabit. There still exists obscuring of epistemologies of feminists and of other paths of writing closely linked to feminist strategies of creation, such as letters, diaries, romances and essays, deprived of an androcentric structure while form and language.

Pensar numa *academia toda nossa* é pensar na restauração dessas estratégias de pesquisa e escrita, também provocar agências de fomento à pesquisa que possam financiar um novo pensamento e uma nova forma de expressão de pensamento, validando que as investigações e as suas escrituras rumem aos quintais, aos terreiros, aos ancestrais, aos campos de alteridade, *f(r)iccionalizando* arte/vida e justificando os discursos autorais. Uma academia que busca no caminho performático legitimar a natureza das experiências, escolhendo o *caminho da floresta* da performatividade que destampa desafios, imbricando ‘objeto’ e ‘sujeito’ de pesquisa, implodindo com a ideia de distanciamento do que se olha, do que se estuda, para imprimir um lugar sentido das coisas que se vive. (LYRA, 2020)

Nessa academia que espelha uma escritura livre, a memória pessoal é base para as pesquisas, um dado de construção de autoimagem, de autorreflexão de pesquisadoras e também de pesquisadores afeitos a esse caminho de escrita, etnografando biograficamente de onde brota o interesse da pesquisa e vislumbrando onde insurgem as imagens da pesquisa ao longo de suas vidas.

Seu livro-ensaio, *Virgínia*, me faz continuar a guerrear para que as mulheres, suas escritas, seus dossiês, suas epistemologias, que podem fazer crescer e refletir toda uma sociedade, não sejam alijadas ou duvidadas, que não sofram com o silenciamento compulsório e a submissão ao discurso patriarcal nos diversos nichos de conhecimento e, invariavelmente, nos espaços acadêmicos.

Com esta carta espero poder contar com você para alargar as estratégias de insurreição contra o patriarcalismo acadêmico. Que possamos nos abrigar sob todos os tetos, inclusive sob uma academia renovada de conceitos e formas de discussão dos mais variados temas, uma academia toda nossa. Que a irmã de Shakespeare, a poeta que você habilmente inventou, possa estar viva em todas nós, em você e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão escrevendo ou estudando agora porque estão trabalhando para subsistir ou lavando a louça ou colocando os filhos na cama, em especial, em tempos de pandemia, quando as disparidades se elevam no que tange ao jogo entre gêneros nos redutos exclusivos das casas nas quais estamos todes encerradas.

Profetizemos juntas para uma e para todas: "Dê a ela mais cem anos, [...] dê-lhe um espaço, um teto todo seu e quinhentas libras por ano, deixe que ela diga o que lhe passa na cabeça [...] e ela escreverá um livro melhor algum dia" (WOOLF, 2014, p. 134).

Deixo-te agora, porque te acenei antes da brevidade desses meus escritos. Claro que tendo você e tantas como guias não posso dar folga à pena e nunca largar as bancadas da universidade, minhas orientações e os palcos do teatro para jorrar o grito. Prometo que vou também conhecer mais suas obras, já tenho outra na vez da leitura: *Orlando*, que talvez tenha um tanto de minha *Joana d'Arc*. Seguirei e serei porta-voz de seus conselhos, testemunhando que com você venho aprendendo algo de precioso acerca da essência do processo criador, sua profundidade e eternidade para fazer mundo.

Com carinho infindo pela sua existência antes de mim,

04 de junho de 2020.

Luciana Lyra

REFERÊNCIAS

DAWSEY, J. Victor Turner e a Antropologia da Experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 163-176, 30 mar. 2005. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p163-176>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50264/54377>. Acesso em 04 jun. 2020.

LYRA, L. de F. R. P. de. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. **Urdimento** revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, ago./set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5965/14145731023820200033>. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17759/11964>. Acesso em: 24 set. 2020.

LYRA, L. de F. R. P. de. **Guerreiras e Heroínas em Performance: da Artetnografia à Metodologia em Artes Cênicas**. 2011. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284426/1/Lyra_LucianadeFatiMaRochaPereirade_D.pdf Acesso em 04 jun. 2020.

PERROT, M. **Minha história de mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Editora Tordesilhas, 2014.

WOOLF, V. **Freshwater: a comedy**. Florida: Harcourt Inc., 2019.